

Catarina Rodrigues

1001 coisas  
que nunca te disse

OFICINA  
DO LIVRO

Título original: *1001 coisas que nunca te disse*  
© 2018, Catarina Rodrigues  
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Capa: Rui Rosa  
Fotografia:  
Revisão: Paula Caetano  
Paginação: LeYa  
em caracteres Sabon, corpo 12  
Impressão e acabamento: Multitipo

1.<sup>a</sup> edição: junho 2018

ISBN: 978-989-741-918-8  
Depósito legal: 440 473/18

Oficina do Livro  
uma empresa do grupo LeYa  
Rua Cidade de Córdova, 2  
2610-038 Alfragide  
Tel.: 214 272 200, Fax: 214 717 737  
E-mail: [info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

[www.oficinadolivro.pt](http://www.oficinadolivro.pt)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## Agradecimentos

Quero agradecer a todos os que amo e que me inspiram.

À minha querida avó Milú, a mulher mais bonita e corajosa que conheço. A mulher que me criou e a pessoa mais importante da minha vida.

Ao meu querido avô Júlio, o fiel companheiro. O contador de histórias, o que me pega ao colo desde criança, o que me ensinou tanto e que sempre acreditou em mim. És o homem da minha vida.

À minha querida irmã Carolina, o meu amor mais puro. A minha menina mais linda, doce e irreverente que sempre me aconselhou e apoiou durante este sonho.

À minha querida tia Lena, a mulher mais generosa que conheço. A mulher que dá tudo aos que ama. A mulher que me ajudou a realizar tantos sonhos. Sem ti não seria a mulher que sou hoje. Serei sempre grata pelo teu amor e cuidado

À minha querida prima, e madrinha, Sofia. Uma mulher infinitamente generosa e dedicada à sua família e aos seus. Obrigada por todo o amor e tudo o que fizeste por mim. És fundamental na minha vida.

À minha querida tia Isabel. A mulher forte e cheia de garra. A de fé inabalável. O exemplo de mãe, avó, tia e amiga incondicional. És a minha fiel parceira. Obrigada por tudo o que fizeste por mim.

Ao meu querido tio João. Sempre meigo e presente. Obrigada pelo teu amor, por sempre me teres protegido e por sentires tanto orgulho na tua sobrinha. Prometo nunca te desiludir.

À minha querida amiga Margarida Félix. A primeira pessoa a ler os rascunhos deste livro. Obrigada pelos teus conselhos e feedback que foram tão importantes e pertinentes. És uma irmã. Obrigada pelo teu apoio incondicional. És uma mulher maravilhosa. Nunca duvides disso.

Ao meu querido amigo Gonçalo Carito. Sem ti este livro não seria o mesmo. Obrigada pela tua sensibilidade, inteligência e comentários que foram decisivos para este livro. Obrigada pela tua paciência e inspiração nos momentos mais difíceis e bloqueantes. És um grande homem.

À minha querida Ana Santos. A minha melhor amiga, a minha pessoa, a minha irmã. Mesmo longe sempre me apoiaste incondicionalmente na realização deste sonho. Obrigada por estares ao meu lado há tantos anos. Sei que ficaremos juntas para sempre. O meu coração é teu.

Ao meu querido amigo David Ching. O homem com um coração tão bonito. O amigo fiel que esteve sempre do meu lado nos momentos mais difíceis. O que nunca se esquece de mim e me telefona só para dizer que me ama e sente a minha falta.

Aos meus queridos Bruno Santos e Telma Ferreira que me aturam diariamente. Obrigada pelo vosso carinho e paciência nesta jornada. Sem vocês, teria perdido a sanidade muitas vezes. Obrigada por tudo. São muito importantes para mim.

À minha querida amiga Sara Antunes. Uma das mulheres mais bonitas que conheço. Obrigada pelo teu amor, carinho e pelo teu apoio incondicional. Obrigada por me fazeres sentir bonita e por cuidares de mim com tanto carinho e dedicação. És minha irmã e minha fiel confidente.

À minha querida amiga Miriam Esteves. Uma grande mulher e fiel companheira. Obrigada por estares sempre do meu lado, por acreditares em mim e por me apoiares em todas as circunstâncias. Obrigada pelo teu feedback sempre honesto e assertivo. És uma mulher exemplar. Uma irmã de coração.

Ao António Nogueira, o melhor exemplo de líder e homem que conheço. A ti, toda a minha admiração e gratidão. Serei sempre extremamente grata por tudo o que fizeste por mim.

Aos meus queridos Ana Rita Sousa e Diogo Frias. Um grande casal que amo muito e que me acompanha desde a faculdade. Mesmo de longe a nossa amizade é genuína e forte

mantendo sempre a cumplicidade que nos caracteriza. Obrigada por me apoiarem em todos os momentos da minha vida.

Aos meus queridos Nidia e Tiago Macieira. Amigos inseparáveis e irmãos de toda uma vida. Amo-vos muito.

À minha querida Carolina Guedes pelo carinho e por ter lido os primeiros textos deste livro. Obrigada por todo o feedback e força que me deste. És uma mulher incrível.

À minha querida Cláudia Rufino. Uma princesa e uma amiga incondicional.

À minha querida Ana Afonso. Grande mulher, mãe, professora e cientista. Não sabes mas tive a ideia de escrever este livro por te ver a escrever.

À equipa do The Arc por todo o apoio e inspiração durante este processo.

Aos meus queridos colegas de trabalho por todo o apoio e força durante todo este processo. Obrigada pelo vosso encorajamento e suporte diário. São os melhores colegas do Mundo.

À equipa extraordinária que trabalhou comigo desde a edição à revisão: Pedro Sobral, Francisco Camacho, Paula Caetano, Carla Matias e Beatriz Patrício. Este livro é também fruto do vosso sentido crítico e sensibilidade. Sem vocês não seria o mesmo. Muito obrigado por tudo!

Por último, não poderia deixar de agradecer ao grande mestre Pedro Chagas Freitas com quem tanto aprendi. Sem ti este livro não seria o mesmo. Obrigada por todo o rigor, técnica e sentimento que me transmitiste. Serei sempre extremamente grata por tudo o que aprendi contigo. Obrigada por acreditares na minha voz.

A todos vocês:

Infinito obrigado.



Adoro o cheiro dele quando chega perto de mim. Ele ainda não chegou e eu já sei que ele vem.

Adoro o cheiro dele quando faz a barba. Quando usa aquela água-de-colônia masculina. Perco-me nele e inflamo-me os sentidos.

Percorro-o até onde o cheiro dele me leva. Desde o pescoço, à cara e às orelhas. O cheiro dele é o rasto que sigo até o encontrar.

Adoro o cheiro dele quando sai do banho. As gotas de água que escorregam pela pele.

Adoro o cheiro dele quando me chama e me diz: «Anda, vem ter comigo!»

Adoro o cheiro dele quando cozinha. O tempero a açafraão. O copo de vinho tinto na mesa.

Adoro o cheiro dele quando fuma um cigarro no parapeito da minha janela.

Adoro o cheiro dele quando me desperta. E eu me abraço a ele. E respiro a sua essência.

Adoro o cheiro dele. Que fica na minha pele.

Adoro o cheiro do cabelo dele. Nem sei qual é o champô que usa. Certamente que é o dele.

Adoro aquele cheiro forte. Intenso. O cheiro de homem mexe com as mulheres. Encaminha-as para a descoberta. As mulheres são a descoberta. Os homens, a perdição.

Adoro aquele toque firme. Aquelas mãos grandes. Mas gentis. Suaves. Mãos que têm a perícia do toque.

Adoro o cheiro dele quando passa por mim e me fala ao ouvido. Êxtase. Não sei onde começo. Não sei onde aconteço. Sei onde me perco.

Adoro cheirar aquele pescoço. Beijá-lo. Mordê-lo.

Toda a mulher procura um homem para se aninhar. Para dormir no peito.

Adoro o cheiro dele. O cheiro que ficou comigo.

## *Monte de Caparica*

David,

Ainda me lembro do dia em que te conheci.

Lembro-me do dia em que olhei para ti pela primeira vez.

Não me lembro exatamente de qual era o dia do ano ou da roupa que tinhas vestida. Nem das primeiras palavras.

Agora, parece que não passou um dia desde o primeiro.

Conhecemo-nos nas praxes, na faculdade, em 2007. Tu eras o menino rico com roupa de marca. Cara de snob. Olhar de superioridade. O menino dos Salesianos e de boas famílias.

A antipatia foi imediata. Não te achei minimamente atraente. Achava que eras carrancudo e antipático.

Éramos colegas de curso há cinco anos, mas eu mal te conhecia. Detestava-te. Achava-te insuportável. Tudo em ti me desagradava. A tua maneira de ser, de falar, a tua postura. Tudo me irritava profundamente. Principalmente quando dizias que, para ti, eu era um homem.

Não havia um único assunto em que estivéssemos de acordo. Não havia um único dia em que não discutíssemos. Os nossos amigos diziam: «Mas vocês não conseguem perceber que isso é amor?»

A verdade é que não passávamos um dia um sem o outro. O meu dia não era igual se não te provocasse ou se não implicasse contigo. Esperava todo o dia para isso acontecer. Só que

não sabia. Dizia que estavam loucos por pensarem que o que tínhamos era amor.

Quando é que te olhei pela primeira vez?

Estavas tão diferente do gajo mimado que conheci no 1.º ano. Usavas roupas mais velhas e descontraídas, barba e cabelo rebelde. Totalmente desleixado. A única coisa cara que tinhas era o teu relógio.

Quando é que esses olhos castanhos, e essa pele morena, começaram a chamar por mim? Não consigo lembrar-me. Passaste por mim tantos dias. Não consigo lembrar-me das primeiras palavras. Só sei que houve um dia em que acordei e queria tudo em ti. Gostava de tudo o que eras. Mas não admitia. E nem o sabia.

A primeira vez que olhei para ti foi quando te sorri. Não o meu sorriso cínico e sarcástico, aquele que era perita em devolver quando falavas. Mas o meu sorriso de felicidade por estares ali. Nasceu do requinte do inesperado. Nem estava à espera, mas já sorria para ti.

Nunca pensei que fosses o gajo por quem iria apaixonar-me. Nunca pensei que fôssemos namorar. Mas quando te encontrei pela primeira vez, soube que eras o tal.

Irritas-me. Deixas-me louca. Tiras-me a resposta da ponta da língua. Provocas-me. Mordes-me. Fazes de machista para me irritar.

Um dia longe de ti não tem piada nenhuma.

Sara



*Malveira*

David,

Voltamos à infância. É frequente voltares atrás quando és adulto. Quando o menino desaparece do espelho.

Fui uma criança muito diferente da mulher que conheceste. Era tímida. Calada. Reservada.

Sempre preferi brincar sozinha. Preferia a companhia dos livros e das histórias que criava. Era muito observadora. Conseguia ficar horas e horas a contemplar as pessoas, as ruas movimentadas, as rosas do jardim dos meus avós. Nada disto me aborrecia. Ficava fascinada por observar a chuva ou os gestos quotidianos. Adorava o meu espaço. O meu mundo. O mundo em que muito dificilmente deixava entrar alguém.

Nunca contava nada a ninguém. Se estava muito feliz ou chateada. Se tinha os atacadores desapertados ou me doía a barriga. Ficava sempre em silêncio.

Era a mais nova dos primos. A candidata perfeita para ser o centro das atenções e para ser arrelhada. Cresci numa terra pequena. Num bairro pequeno. Todos conheciam a minha família. Tinha o cabelo escuro, liso e uma franja que detestava, mas que a minha mãe insistia que tivesse. A minha mãe nunca acertou comigo. Nem com a franja.

Por ser pequenina, calada e por andar sempre de vestidinho e fitinha no cabelo, todos se metiam comigo. Sentia-me muito desconfortável. Era amável, mas não gostava que se metessem comigo. Provocava-me frio e desconforto.

Todas as pessoas do bairro adoravam meter-se com a neta mais nova da dona Milú. Na família, também todos gostavam de se meter com a caçula. Preferia ficar no meu quarto a ler ou ir passear para o jardim. Esse desconforto acompanhou-me durante a infância e a adolescência.

Conheceste-me como a rapariga mais extrovertida, divertida, risonha e cheia de vida. Consegues acreditar que eu seja assim tão tímida? A pessoa que tem sempre a resposta na ponta da língua é bem mais silenciosa. Raramente grita o que quer dizer. Quando sou tímida, sinto-me mais natural. É mais fácil. Mais intuitivo.

É irónico a quantidade de vezes que tento explicar que sou muito tímida. Ninguém acredita. Sou o centro das atenções para aproximar as pessoas e para as acolher. Acham que sou bastante frívola e espalhafatosa. Que faço dessa atividade o meu capricho. O meu entretenimento.

Sou tão tímida que me meto com todos para ninguém se meter comigo. Não quero ficar vulnerável, exposta. Em desvantagem competitiva. Decidi, durante a adolescência, que antes que as pessoas se metessem comigo, eu iria meter-me com elas. Assim elas perdiam a sua chance.

Sou tão insegura que sou sempre eu a dar sempre o primeiro passo. A iniciar o *flirt* e o engate. Sou eu que provooco e avanço. Nunca fui engatada ou cortejada. Nunca deixei que ninguém o fizesse. Tenho medo de que me vejam.

Habituei-me a vestir a pele da rapariga que está sempre alegre e a sorrir. Esta pele é útil. Dá para me proteger. Visto todas as peles necessárias para ser livre.

Mas, às vezes, só gostava de ser livre para ser a menina tímida, calada e reservada. Quantas vezes eu, ao usar com tanta perícia a minha arte de provocar, estou calada por dentro. Isto pode ser bem solitário. Sou bem cruel comigo.

Gostava que me deixassem estar calada. Sem estarem à espera de que eu desse a minha opinião ou fizesse uma piada. É esgotante.

É interessante como as pessoas são sempre bem mais do que aquilo que mostram. Todos vestem a pele que lhes convém. Que lhes fica bem. A sociedade raramente deixa que vivas debaixo da tua pele. A pele que habitas é a pele em que te escondes.

Nunca te esqueças: aconteça o que acontecer, volta sempre a ti. Isso é uma experiência de liberdade.

Nós queríamos fugir da própria pele. Seria tão mais fácil. Tão mais leve. Mas a liberdade, o verdadeiro sentido da liberdade, não é fugires de ti próprio: é voltares a ti. Mesmo que te roubem. Volta sempre a ti. Estes são os pensamentos dos revolucionários. Dos pensadores independentes.

A liberdade é ser-se quem se é por inteiro. Sem medo.

Aprendi a estar muito atenta aos comportamentos das pessoas. Àquilo que elas não dizem. Que não mostram. É o que elas são.

A menina volta sempre. Quando chego a casa e estou sozinha. É a menina que ainda habita debaixo desta pele. Não na pele que se esconde. Mas na que vive.

Alguns traços acompanham-me em adulta. São muito meus. A observação. A teimosia. O ter sempre uma opinião. O nunca me calar. O pavor da autoridade.

Sinto falta de ser criança. Era tudo mais simples. Com os meus avós sentia-me sempre acarinhada e protegida. A sua casa era o meu refúgio. Serei sempre a sua menina.

Dou por mim, sozinha, na minha vida tão agitada, a precisar de ser menina. Entre a infância e a idade adulta, houve uma fase em que me perdi.

Sara



*Monte de Caparica*

David,

Os nossos amigos acham estranho morares em minha casa. Dizem que somos loucos, que nos precipitámos.

Somos loucos. E depois?